

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

29 DE AGOSTO DE 1964
ANO XXI — N.º 534 — Preço 1\$

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PÁCO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PÁCO DE SOUSA ★ AVENCA ★ PUINZENAR
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



A lagoa, o barco e eles em Malanje

Estão felizes e a mudar de cor os quarenta garotos das ruas da Baixa que estão na colónia de férias da Senhora da Piedade. Tão enfezados e raquíticos que quase todos são!

No dia seguinte ao da chegada, três deles quiseram ir embora. Vinham rapados à tesoura e com feridas. Nas mãos, a saqueta de plástico com coisas variadas, toda a sua fortuna. Na estação e na automotora os passageiros afastavam-se com repugnância, não fossem tocados por algum daqueles males.

Não me admirei da fuga dos três. Foi a primeira vez que vieram e conheço o seu viver.

TRIBUNA de Coimbra

Conheço as barracas onde à noite, no inverno, ou de madrugada, no verão, se arrumam, pois o resto é a rua. Vejo as mães com a ceira da sopa fria que lhes deram no quartel, colégio, comunidade religiosa, ou alguma família compadecida. Os pais mal aparecem à família.

Foi na tarde daquela terça-feira sufocante. O Crisanto foi-nos (a mim e ao nosso Zézito que fez o primeiro ano de Seminário e que desejamos comece a ver a vida que o espera) levar na Opel e seguiu nela aviar um recado longe. Começámos a descer a meia encosta. Já há tempos que por ali não ia. O cheiro do lixo que segue o carreirito nesse dia era pior que nunca. Uma mulherzinha disse-me que não havia ali ninguém doente e eu sorri intimamente com a ideia que muitos fazem do sacerdote. E continuei debruçado no carreirito. Começa a zona das barracas, agora mais do que aquelas que conhecia. Já há gente conhecida e começo a ouvir aflições sobre aflições.

Mais do que aquilo que ouvia, impressionou-me o que me entrava pelos olhos: pequenitos e pequenitas, já crescidinhos, todos nós. Pais somente com calças rotas a cobrir-lhes a nudez e mães com simples bata velha e mais nada. Dois berços, à sombra, com duas criancitas cobertas de feridas e de moscas. Um rapaz novo, em vésperas de sete

filhos, a dizer-se gasto dos pais, a dizer mal de tudo e de todos. Fiquei sem nada para dizer. Deixei alguma coisa para o pão e seguimos.

Começou logo a subida e encosta e tornámos a descer outro lado. Aliviei um pouco tornei a ver e a ouvir. Tomo nota de todos os nomes que não apresentaram e aceitei pedido. Senti alegria pela minha presença, que eu quis que fosse somente a presença de Cristo. Tornei novamente a subir e no alto tomei ar que agora já me parecia mais puro.

Olhei a outra encosta onde o campo santo dos mortos. Àquela hora já ali não havia vida, mas sentia-se a saudade, o carinho e o amor aos mortos. E quanto avistei as duas encostas fui comparando os dois campos. O campo santo dos mortos e o campo mártir dos vivos. Num campo da morte, há vida na saudade, no carinho, no amor. No outro, onde há vidas, reina o abarrotado, a indiferença, a morte. Dois campos tão diferentes e tão parecidos!

A caminho de casa passou na minha imaginação e na minha alma a fita de todos os que neste tarde estavam em goso de férias e naquela noite o sono foi mais leve e a noite mais pesada.

Padre Horácio

ÁFRICA

Os meios que a civilização hoje nos oferece eliminam distâncias e em poucas horas vemo-nos levados do continente europeu ao seio de Angola.

Aqui, a capital veste-se e fala à europeia. Nas artérias surgem pinceladas negras, frequentes e numerosas, mas em fundo branco. O mundo indígena afoita-se a medo aos grandes centros. Nestes predominam os brancos, como é natural... Os nativos, geralmente, dão-se ao trabalho mais humilde. Bastantes jovens encaminham-se para as escolas de ensino secundário e superior e até para empregos. Pelas ruas, magotes de rapazes engraxam e vendem diários.

A penetração no interior da Província, porém, revela ainda maior contraste. Dum lado, a grandeza imensa do território, a riqueza potencial do solo, a vegetação exuberante e a magestosa fauna selvagem. A par disso, a rarefacção do povoamento, assinalado, aqui e além, por maiores ou menores sanzalas, rodeadas de bananeiras, mangueiras, coqueiros, perdidas tantas delas na extensão infinita do capim. O sol deita fora das habitações de adobos os indígenas, os rebanhos de cabras e bandos de galinhas. As crianças bailam. Os pais de algumas em trajes garridos encaminham-se para as cidades.

Os indígenas são os donos das sanzalas. Os homens que aqui se dirigem, vêm em demanda de quem trabalha, ou deseja a Fé. Dois mundos que procuram ajustar-se e entender-se para viverem juntos.

Os problemas da Africa negra são demasiado complexos. Cada um encara-os consoante a paixão que lhe arde no peito. O político atene à política; o industrial à exploração e produção; o comerciante ao negócio; o missionário encara o irmão de cor mais a alma que aquele guarda dentro de si, e ama-o. Preocupa-se sobretudo com a sua dignidade de pessoa humana; e doi-se com a ausência de muitos valores morais e espirituais.

Quantos aqui não arribam à conquista e até em defesa do continente africano! O solo, é certo que se conquista com armas; o sub-solo com a técnica; mas o homem, esse, só será conquistado pelo amor. Amor que tenta a fusão do pensamento e da vida do outro; que procura o próprio viver e sentir do irmão negro.

Também nós aqui estamos. E viemos para amar o homem. Nada mais ansiamos. Ele é o valor maior que nos tenta. Por ele tudo. E para ele tudo.

A passos de Malanje, no Culamuxito, entre gravílias e mangueiras floridas, ao sol mortiço do cacimbo, um punhado de rapazes brancos, das ruas da Metrópole, a quem os pais não quiseram, de pá e picareta nas mãos, intercalam-se com nativos empunhando também a pá e a picareta e dispõem-se todos a abrir os alicerces da primeira moradia da Casa do Gaiato. Rapazes da rua e negros do sertão, de braço dado para o mesmo fim: construir o abrigo para as crianças sem abrigo. Eis o nosso

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

AREIAS DO CAVACO

Como gotas de orvalho, que, no silêncio da noite fecundam a terra, assim é o vosso dar. Em pequeninas gotas, migalhas saborosas que trazem sempre a marca do amor com que são dadas, vamos recebendo alento para caminhar, sem desfalecer, ao encontro do sem número de necessidades que se abrigam em nosso coração.

O silêncio que acompanha a vossa mão que dá, ou a mão que se estende para levantar quem está caído ou corre o perigo de cair, é garantia segura de que sois tocados pelo Senhor, ainda que disso não tenhais consciên-

cia. Não profaneis nunca o vosso dar. Ele há tantas maneiras de estragar o que é belo e bom, sob pretexto de praticar a Caridade!

* * *

Não conheço família mais linda, à face da terra, do que a nossa. Se é na variedade que está a beleza, em nossa Casa ela aparece como em nenhuma outra.

Há os que são brancos e há os que são retintamente pretos. No meio, os mestiços. Ainda poderíamos ir mais além nesta diversidade

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Aqui Lisboa

FALA-SE muito em crise de juventude. No nosso fraco entender, porém, melhor seria falar em crise de adultos. O comportamento dos jovens é essencialmente o reflexo da conduta dos mais velhos, do seu exemplo e da coerência ou incoerência entre o que dizem ou pretendem aparentar e aquilo que são ou praticam. A escola do exemplo, de resto, jamais poderá ser substituída.

Educar não é fácil. Exige perseverança no esforço, firmeza na acção, justiça e equilíbrio nas atitudes, sem perder de vista, claro está, numa base cristã dos valores, mais ou menos explícita, que o homem foi criado livre, à imagem e semelhança de Deus. Quem menospreza estes postulados, age sobre areia movediça e o mesmo sucede àqueles que esquecem esta verdade comezinha: o homem, embora sendo a mais perfeita das criaturas, é, talvez por isso mesmo, a que menos acabada aparece neste mundo e mais reduzida autonomia revelamos seus primeiros tempos, a de maior complexidade e a que mais cuidados requer na sua ambivalência alma-corpo.

Se o problema da educação e formação dos rapazes se cingisse apenas a dar-lhes de comer, e vesti-los e calçá-los e a dar-lhes uma cama para dormir, não existiria qualquer dificuldade de tomo. Não pensa assim muita gente e daí o abandono a que vota os próprios filhos, que crescem à volta, sem lei nem regra, num desconhecimento total do que fazem e por onde andam. Depois, depois é o que todos sabem...

É num ambiente familiar bem estruturado que a criança encontra as condições naturais propícias a um desenvolvimento adequado e harmónico. A Providência marcou assim e, por conseguinte, tudo aquilo que conduza à desagregação ou dissolução dos laços familiares, quer na ordem moral quer na esfera material, é caminho aberto para a não educação, quando não é para a corrupção ou própria desgraça. Enxameiam os exemplos. Somos procurados por pais ou outros familiares e amigos aflitos, em busca da solução para os «casos» de muitos jovens. Chovem então as ofertas de mensalidades ou ajudas materiais. A nossa resposta é inflexível: «A Obra da Rua é o amparo da criança abandonada. Ela prefere os mais re-

pelentes. Os mais difíceis. Os mais viciosos. A Obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar, para ser através dos tempos, uma palavra nova. Que ninguém jamais deturpe. No dia em que, por desgraça, se viesse a receber a criança com dote por uma que o não tem... nesse dia entrava a maldição de Deus no seio da Obra. Era a sua decadência».

Pelo que nos tem sido dado observar, os problemas destes «aflitos», que nos têm sido apresentados, podem agrupar-se em três escalões: desarmonia conjugal, quando não chega à própria separação dos pais; demissão das responsabilidades educadoras, em que cada um faz o que quer e lhe apetece, sem ser chamado a contas; necessidade real ou movida pela moda de ambos os conjugues se ausentarem de casa no exercício de actividade ou ocupação. Isto, para além de uma vida de amolecimento, sem nada fazer, por vezes com abundância excessiva de dinheiro, nem sempre correspondente às reais posses.

Pai Américo dá a resposta adequada: «Tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão». É aqui que se encontra a chave de todos os problemas daqueles que nos procuram. «Eis a escola natural da sólida formação do homem»: a família. Funcionando esta, e bem, esses «boys» não sei quê, que há para aí, passarão a constituir mera recordação, embora infeliz. É numa vida de trabalho e de responsabilidade, de correcção e de cuidados que se geram homens. E quem há-de guiar, corrigir e amparar? Os adultos. Se estes não existem ou são incapazes não me venham falar em crise de juventude! Há para aí muita gente demitida!

— x — x —

○ «Pascocla» tem vendido o «Famoso» no Estoril. O outro dia chegou radiante e pressuroso: «vendi cento e vinte e mais venderia se soubesse falar estrangeiro!» A boa vontade deste nosso filho não compreendeu ainda interessar mais que o jornal seja lido do que ficar esquecido na areia ou na mesa ou cadeira de um café.

— x — x —

○ Manuel dos Santos é um preto simpático, dos Denbos, que veio para nossa Casa pouco depois da eclosão do terrorismo em Ango-

Areias do

Cavaco

Continuação da PRIMEIRA pág.

dade de membros. No fundo todos são irmãos.

Há tempos faleceu a mãe dos pequenos Joaquim e João. Pobre mãe! Do pai nada sabem! Foram vê-la ao hospital, já depois de morta. Quando regressaram, vi as lágrimas dos dois. Era a voz do sangue.

Quem pode negar a capacidade de amar do garoto da rua? Quem o fizer, engana-se. Venha ver.

No fim da ceia, o Jaime, de 8 anos, vai consolar o Joaquim. Sentaram-se os dois no degrau da escada, junto à coluna. Vi o Joaquim reclinar a cabeça sobre os joelhos do Jaime e vi o Jaime a fazer carícias ao Joaquim. E adormeceram.

Meus olhos poisaram naquele quadro. Meu coração exultou de alegria. Quadros como este só o Amor os pode pintar!

— x — x —

Américo e Olímpia chegaram. Foram recebidos em simplicidade e beleza. A Obra da Rua mereceu-os. Angola mereceu-os também.

— x — x —

O que nos destes: Catumbela veio com 200\$00, pelas mãos do nosso vendedor de «O Gaiato». Mais 200\$00 que a Gabriela Maria meteu dentro de um envelope, carregado de ternura para com todos nós. Silva Porto também nos deu a mão com duas notas de 100 e esta carta: «Venho remeter a importância de 100\$00, pelo resultado feliz de um exame. Meu marido quis juntar outra igual, pedindo a Deus que lho dê sempre para poder partilhar convosco». Como não há-de amar-se um casal assim?! O amor dos dois não exclui o amor dos outros. Pelo contrário, vai ali buscar a solidez e consistência. Quanto mais se abrir aos outros, mais se enche e mais sólido se torna o amor que une os dois.

la. Oficialmente tem treze anos, mas deve ter, pelo menos, mais dois ou três. Já aprendeu a ler e tem grande vontade de fazer a 4.ª classe. Conserva, no entanto, uma certa ingenuidade nas maneiras e na linguagem. Outro dia sentiu-se mais e ao ser-lhe perguntado do que sofria, pôs a mão no peito e exclamou: «doi-me o estômago». O pior porém, é que me disse ontem estar mal dos rins, enquanto levava as mãos às carótidas...

— x — x —

MEAIHEIROS. Temos 150 para espalhar por essa Lisboa imensa. Quem acode à chamada? As obras são de todos vós e grão a grão enche a galinha o papo!

PADRE LUIZ

De Catumbela, outra vez 100\$00, dados «com muita alegria». Loíça de plástico e outros artigos que mãos amigas vieram trazer e «que Deus o recompense pelo bem praticado em favor dos desprotegidos». Mais 100\$ da Catumbela. E a «avó de Moscavide», mesmo de tão longe não deixou de nos mandar o seu abraço e uma nota de 100\$, mais 20\$. Um saco de arroz do Luso. O Lobito veio com 50\$00. Recebemos a contribuição mensal de 500\$00 do Senhor Antunes, de Benguela; mais outros 500\$ de Portela e Irmãos e mais mil da C. B. «A Casa Buçaco»

delicia-nos todos os meses com um caixote de carne. Mão amiga do Lobito, que sente como seus os problemas dos Pobres, pôs na carrinha, com muita delicadeza, uma caixa de massa e promete voltar todos os meses. Para terminar: O Américo, além de todos os títulos, é também alfaiate e vai ser o mestre da nossa alfaiataria. Como trabalhar sem máquina de costura? Falta-nos uma que seja boa. á batemos a uma porta e esperamos que no-la abram.

Padre Manuel António

O nosso retiro

Mas que significado terá esta palavra — dirão aqueles que desconhecem o verdadeiro sentido de um retiro. Resumindo, pode-se concluir que o retiro é um balanço, no qual nos despojamos de tudo aquilo que não serve para alcançarmos a verdadeira felicidade, pelo qual nos enchemos de tudo quanto é necessário para alcançarmos o fim da mesma.

Foi no passado dia 3 do mês corrente, que os mais velhos foram fazer o seu retiro anual. Desta vez não foi em Singe-

tiro depende do esforço de cada um, mas também depende do Senhor Padre que for dirigir. Neste aspecto, nós fomos muito felizes. O nosso Prêgador foi um capuchinho do Porto muito simpático, o qual nos deu todo o seu saber e esforço, para compreendermos o verdadeiro sentido de um retiro.

Nas várias conferências que fez, o tema em que mais insistiu foi a Graça, dizendo que ela é o segredo da Santidade. Então o que é ser santo? Ser



O primeiro turno dos nossos em retiro

verga, como nos demais anos, mas sim, num local bastante aprazível: a Senhora Aparecida. Fez-se a pergunta, para saber quantos é que queriam ir ao retiro, e quase todos os mais velhos quiseram. Mas, como eram muitos e não podiam ir todos de uma só vez, fez-se dois turnos. Primeiramente foram os mais velhos e em seguida o resto dos que ficaram por ir.

O resultado de um bom re-

santo, é andar em graça. Mas custa tanto andarmos em graça! Pois custa. Custa, se não usarmos a verdadeira arma, que nos levará à salvação eterna. Essa arma sabem qual é? É a oração. Sem a oração nada podemos fazer. Quem dera, que esta camada jovem espalhada pelo mundo, pudesse ter esta oportunidade de encontrar Deus, como nós a temos!

Joaquim de Oliveira



Do que nós necessitamos

A minha frente, o monte de correspondência que vou citar e agradeço, desde já, a todos que se lembraram de nós. Muito obrigado.

Uma anónima de Alcobaça, mandou-nos 100\$00. Mais 100\$ de outra anónima. «Para os Pobres do Barredo», 100\$00 de M. L. S. 100\$00 de Maria da Piedade, acompanhados de selos. De Aires, 600\$00. Mais 162\$50 da JOC Feminina de Odivelas. Mais 60\$00 do ass. 26776, para «O mais pobre dos pobres do Barredo». Mais 20\$ de Maria Só. Um anónimo dos Tabacos vem com 50\$00. Mais 30 «dollars», com a lista dos contribuintes de Newark. Mais 300\$00 de A. M. de Romariz. «Para que uma alma descanse em paz», 50\$00. Mais 20\$00 em selos de J. Assunção. Mais 1.500\$00 de um Senhor Doutor, em vale registado. Mais 10\$00 em selos de correio «para ajuda do café dos rapazes», de uma amiga. Agora até o café tem outro sabor, o do vosso esforço. De uma amargurada pelo dia 22 — 50\$00, por duas vezes.

Mais os 20\$00 do costume de «alguém que se interessa pela saúde dos nossos padres. Mais 20\$00 de Maria Luísa. Mais 20\$00 do Porto. No Banco Nacional Ultramarino — Beira — a importância de 50\$00. Mais 50\$00 de F. C. C. — Porto.

«Pela saúde de minha Maria», 50\$00, do Porto. Mais 20\$00 da Praia do Pedrogão «em cumprimento dumas promessas». Mais duas vezes 100\$ de António para «Ajudar uma mãe a alimentar seu filho» e «viúva da Nota da Quinzena». A Associação Recreativa «Os Restauradores do Brás-Oleiro», mandou-nos 100\$00, em vale do correio. Mais roupas de um Senhor estrangeiro. Mais 20\$00 por uma graça obtida. Mais 100\$00 de Eugénio Nogueira Lopes dos Santos.

15\$00 e selos de L. Martins S. — CTT — Malanje.

Mais 20\$00 do Porto. Outro tanto de Soure. Mais 50\$00, oferta de dez amigas da nossa Casa. «Para rezar 3 missas atrasadas e mais uma para este mês» alguém nos manda do Marco 400\$00. «Pela boa sorte do meu querido filho», 1.300\$00, pedindo uma Avé-Maria rezada pelos «batatinhas».

Mais «uma pequena importância junta durante anos», pela mão de Margarida Napolé — Lisboa. Pode estar descansada que recebemos, tudo nos chegou, graças a Deus.

«Para três pobres do Barredo», com pena de ser tão pouco, 60\$00 duma assinante amiga. Mais 50\$00 de M. H., Foz do Douro. Mais 20\$ dum anónimo do Porto. Mais 20\$ de Torres Novas, M. F., para «um pobre do Barredo». Mais outro tanto da mãe de Filomena. Mais 100\$00 de Lisboa com esta linda frase: «Sufra-

gando uma alma». Mais 50\$ de uma anónima de Minde. Mais 100\$ de um ass. pedindo orações por sua mulher e dois filhos que têm sido muito doentes. Por uma graça concedida por Pai Américo, Manuel Teixeira — do Porto, envia-nos 90\$ mais 40\$00. Mais 20\$00 «metade do 1.º ordenado de meu filho». Mais 100\$00 em vale registado pelo «exito que um dos meus filhos teve na Universidade, pois é estudante de Medicina. Pedimos orações por outro exame do mesmo filho e de outra filha».

Mais 20\$00 de Clara Isabel com esta linda legenda: «Fico rogando por todos vós, Padres da Rua e Gaiatos, e para que todos continuem a abrir-me os olhos para a verdadeira vida». «Em cumprimento duma promessa», 50\$00 de Maria Garcia.

Pela razão do henfeitor anterior Maria Odete envia-nos 100\$00 e um anel. «Por graça recebida» manda-nos bolos a Fábrica da Confeitaria Camões, L.da. Mais 50\$ de Maria Candida, pedindo orações pelo exito no «seu» exame.

E o desfile continua! Roupas e material escolar de Amélia de Coimbra. Mais 600\$00 de Inês de Espinho.

«Por alma de um Aurélio, meu saudoso sogro», 300\$00 dividido em três fracções. Mais 225\$00 do Pesscal menor do Banco Nacional Ultramarino. Mais 50\$00, duas vezes, de M. L. Mais 200\$00 de Maria do Espírito Santo em acção de graças. Metade do anterior de Tomar «pedindo orações por uma pessoa muito querida». 200\$00 mais 100\$00 «para os mais pobres dos Pobres».

Pela alma de meu marido muito querido» 20\$ de Viseu. Mais 150\$00 para ajudar a comprar películas, de José Raimundo. Mais 100\$ de Palmela. Mais metade de Estrela Novo, «por alma de um querido tio».

Mais duas vezes 20\$00 de Manuel Teixeira — Porto. Mais 100\$00 de J. C. A., como «elemento de sufrágio da minha falecida mulher, Ermelinda». Metade do antecedente do Grupo Excursionista «De vagar se vai ao longe». Mais 20\$00, mais 40\$00 da Rua da Madalena, Lisboa. Mais outro tanto de alguém que «pede uma prece por um grande pecador que nunca deixará de ser um zero». Outro tanto de um outro anónimo. Mais 20\$ de Regina Irene — Porto, que nos visitou em Maio, com alunas da Escola. Não podemos deixar de referir que são visitas que sempre nos alegram e que sempre esperamos de todos vós. Por aumento de ordenado, um anónimo do Porto manda 700\$00. Em acção de graças, 100\$00 do costume de mais outro anónimo. Mais roupas de Lisboa-3. Mais 2.000\$ de «Um pai reconhecido por uma graça de Pai Américo».

Setúbal

Ei-los os pedreiros e os serventes!... São eles quem entoa um hino real e autêntico às obras que vão realizando e ao Criador que as quer. Eles, os nossos rapazes, os únicos construtores do novo Lar! Eles pedreiros! Eles serventes! Obra que se fundamenta em realidades! Educação adquirida no trabalho e na esperança!... Alegria sã. Personalidade forte!... Vida de homens!...

Eles são o primeiro valor. Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes... O único lema que os estimula e a mim encoraja.

Se não eles, como seria possível arrancarmos tão rapidamente numa obra destas?

Em pedreiros «alinham» Bento e Picanço, que podemos classificar já de bons operários; o Barba-Russa, Carneiro e Isaque dar-lhe-íamos a categoria de meios oficiais. São eles os cinco, cheios de brio, cheios de esperança, cheios de amor, em plena juventude, num desabrochar luxuriante de belos ideais, a maior ajuda que o Senhor me preparou.

Outras têm vindo. Todas escondidas. Nós não gostamos de alarmes. O alarme é farisaísmo. Há tempos, pelas mãos de Padre Horácio, vieram de Coimbra, como ele contou, doze contos. Uma religiosa entregou-me cem escudos, que economizara em viagens, andando de boleia! Que saborosa dádiva cheia de juventude cristã! Um padre passou para a minha mão cem depositados na dele. Um amigo íntimo trouxe mil e cem da filha em dois envelopes. Outro depositou dez contos numa casa de materiais de construção e mandou-nos vidros, madeiras, uma banheira e cadeiras. Um simples trabalhador, sem salário certo, pobre e cheio de filhos, abriu sem eu querer a minha mão e deixou lá vinte escudos.

A Secil deu-nos a pedra e cem sacos de cimento. Eu pedi dois mil. Esperava pelo menos metade. Mas não faz mal, voltarei a pedir. A Secil compreenderá o alcance da nossa Obra. A arcia tem sido arrancada, em casa, pelos rapazes e os transportes estão a cargo do Luís mais do nosso tractor.

Dois engenheiros amigos estudam as estruturas da construção e fazem os cálculos de todo o edifício numa entrega bem vivida e muito contente. Eu confio!...

PADRE ACILIO

Visado pela
Comissão de Censura

Mais 100\$00 de N. — Recebemos, como vê, o que nos mandou! Mais 50\$00 de Lisboa com esta bela frase: «Para a Obra com muita simpatia».

Mais 50\$00 mais 40\$00 «para ajuda da compra de uma mala para os que partem», e a folhita do costume da Avó de Moscavide. Mais 45\$00, mais 330\$00, depositados no Banco Espírito Santo por «O Comércio do Porto», e um muito obrigado do coração.

JOAQUIM PALICO

Africa

Continuação da PRIMEIRA pág.

método de conquista — viver trabalhando lado a lado sem outro intuito que a valorização da pessoa humana; fazer render o valor que cada um possui para que todos transmitam à geração seguinte um mundo melhor.

Virtudes e defeitos?... — Cada raça tem as suas características peculiares. Só o amor pode ser base de entendimento e de harmonia. Só ele pode ressuscitar ou criar a fé do homem nos homens, por sobre todas as diferenças, até de civilização.

Por isso, queremos amar, e só, estes valores perdidos.

PADRE BAPTISTA

Diário dum soldado

Cheguei segunda-feira.

Deus trocou-me o caminho. Tencionava passar estes nove dias em casa. À última hora resolvi ir até..., onde se me ofereceu a oportunidade de um retiro. Como me fez bem! Desde o dia 31 que conservo em mim a Graça do Senhor. Naqueles dias de paragem na minha vida mundana, esqueci tudo e todos; esqueci-me que era eu — e entreguei-me totalmente nas mãos d'Ele. Pedi-Lhe ardentemente que me tirasse as forças com que sacio o meu orgulho. Tenho a certeza que Ele me ouviu.

Sei que não sou moeda de ouro que a todos possa agradar. Sei que muitos choques irei ter ao sair de mim mesmo e ao lidar com o Próximo. Mas sei que sem esses choques não perceo as arestas vivas do meu temperamento, nem atingirei a forma einzelada, vigorosamente suave da Caridade.

Sinto ambições de saber..., de ser chefe..., de ser audaz — mas, por Cristo, com Cristo, hei-de ser ajudado.

Como esta página do meu diário está em contradição com a anterior! É admirável! Só Deus poderia operar uma diferença destas!

Ainda muito terei que percorrer até chegar àquilo que a sociedade espera de mim. Tenho fé e esperança em que Deus não me abandonará. Queria nunca perder esta alegria que trago, uma alegria sobrenatural, que procede de ter abandonado tudo e de me abandonar a mim mesmo nos braços do nosso PAI.

Aos que me amam eu peço que não me esqueçam nas suas orações. Preciso delas mais do que nunca. Perseverar é tão difícil como converter-se alguém. Quantas vezes rezei, só porque desde miúdo me habituaram... Agora vejo o porquê. Julguei que a religião não tinha nada com a vida... Agora conheço o fim da minha vida.

Vamos a ver se com esta força divina que tenho dentro de mim, eu deixarei de alimentar a ideia pessimista de indesejado. Vou tentar o mais possível sair de mim e abrir-me para os outros.

Deus, como um purreiro que é — que me perdoe a linguagem, mas não sei dizer com mais veemência — há-de ajudar-me. Só assim eu conseguirei vencer o meu orgulho e o meu feito.



PELAS CASAS DO GAIATO

ERICEIRA

● Frente ao grande mar, sentado na areia, muitas vezes ao dia se fica a gente a olhar, a olhar sem ver... É que logo ali do outro lado da rocha, onde a areia se espalha, 30 rapazes gozam deste sol húmido mas escaldante, deste vaivém fecundo das ondas, destes mil e um pequenos nadados que são o tudo dum bom dia de praia. 30 rapazes entre os 5 e os 18 anos, ainda que o grosso do grupo ande entre os 8 e os 12. Com tal cenário a um tempo maravilhoso e misterioso sabe bem demorar-se a gente a considerar esse outro mundo também de maravilha e mistério — qual é o mundo dos homens, qual é o nosso mundo, o mundo destes 30 rapazes de que hoje vos falo. Daí este olhar, olhar sem ver... sentado na areia, encostado a uma rocha na praia de S. Julião da Ericeira.

● Se todo o Gaiato, por feliz incumbência do seu fundador, deve ser escrito «como quem reza», uma crónica de praia outra coisa não pode ser do que *notas de meditação*. Meditação alegre, tão cheia de humanidade como de espiritualidade — se é que é possível haver humanidade sem espiritualidade, ou espiritualidade sem humanidade...

Quem alguma vez deu já um mês das suas férias de coração disposto a servir, e não a servir-se, apreende a extensão e densidade de quanto aqui se diz. Só ele. Quem já deu, dando-se a si próprio.

...O grupo dos 30 foi dividido em 3 grupinhos que se revezam respectivamente à padiola, limpeza da casa e lavagem da loiça. Nos pedreiros há dois permanentes — Mira e Gordo — que vão gozando da praia conforme sua maior ou menor correspondência ao que deles se pode esperar. Licas pontifica na cozinha, com *uma calma*, (...) a ver se tira também a especialidade dum «carroz de mechilhões» de que Papinhas é mestre... Páscoa que aparece muitas vezes com a forguneta e Rafael que ao chegar à tropa foi logo aquecido com um mês de licença, (isso é que é sorte, hein!) vão dando também suas aquisições. Saloio que, na praia, o que mais gosta é ser ajudante e cozinheiro e ver as meninas brincar, vai dando conta da limpeza e arrumo da dispensa, cozinha e mesas. *Olha aquela porcaria à porta de fora*, recomenda o Licas. *Licas, gasta aquele feijão verde e aquela cebola antes que se estrague*. *Aproveita aqueles restos pró porco*, recomenda o do leme, Chico Zé, nos seus 15 anos, é um homenzinho que dá muito bem conta do que é chefe. *Não quero que faças tu; manda e ensina a fazer. É bem mais difícil mandar bem e ensinar bem do que fazer sozinho*, repete-se-lhe amiudadas vezes e, ele vai-se treinando na difícil arte de ser chefe.

Joãozinho que apesar dos seus 18 anos, ainda gosta de «mosquitos» custou a moldar como chefe da loiça. Três vezes ao dia tem horas de aflição... A ele se pedem contas de todo o prato, tijela, copo ou talher que não esteja em condições. A princípio com mais dificuldade, agora com menos, Joãozinho parece ter aproveitado algo deste treino da praia. E assim temos que a nossa casa da praia é também escola de chefes.

● *Instantâneos* — A bola e as ondas, os rapazes, as ondas e a bola. Que quadros! Não fora a desgraça que lhe está na base e eu teria delirado com este: Barrigana, em seus doze anos irremediavelmente comprometido por profunda debilidade mental, brinca, sozinho mas sorridente, com as ondas e a bola. Esta acaba por fugir-lhe

a boiar naquelas. Barrigana, que não quer perder o esférico, num gesto de comovente ingenuidade pede às ondas que parem um instante...

● Rogério é um rapazinho de 8 anos mal aproveitados que com mais 4 colegas de Alcantara viera passar conosco 15 dias de praia. Integrá-los no nosso ambiente «gaiato» foi a primeira preocupação. A coisa não se nos deparou tão fácil como o julgávamos. Sempre mimento, saudosos, comer só a desejos... Foi-se-lhe dando a atenção e o carinho que nos merecem estes casos, mas não se lhe faltou com as exigências próprias duma vida de comunidade. Chegou a vez dele ir à padiola — coisa que nunca deve ter feito nem visto na vida. Suas feições e dureza de pele denunciaram-no animado. Mas ele tinha de ir com os outros. Era preciso integrá-lo. E o Rogério foi. Foi e gostou. Gostou a tal ponto que de tarde quis trocar com outro e ir novamente à padiola. Remédio santo. Começou a comer bem e de tudo. Nunca mais andou saudosos. Trabalha, joga, mergulha às ondas, come, reza e... é o primeiro a pedir para se ir deitar. É gaiato — um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e sã. «O trabalho deles, querido por eles é ainda a extinção lenta dos males que os afligem» escreveu Pai Américo — Oh sã pedagogia!

● *Anizade* — «Onde haja caridade e amor, aí habita Deus», canta a liturgia. Contra os «profetas da desgraça» nós confiamos na bondade dos homens. Eles, de mil e uma maneiras, dão ainda testemunho de que acreditam na presença de Jesus no mundo. Que o digam o Chinês, o Pascoela, o Fuinha e outros que com eles vão quase diariamente à lota e mercado da Ericeira. Todos conhecem já os gaiatos que com duas alcofas pelas asas dão a volta pelos nossos imensos amigos que no-las enchem de peixe, hortaliça e fruta.

Que o digam todos os nossos rapazes que por aqui têm passado. Eles sabem do carinho de que temos sido alvo por parte da direcção da vizinha colónia Balnear Dr. Mário Madeira. Além da sopa diária, vêm outros mimos de vez em quando, convites para os seus filmes e saraus, suscita solicitude com todas as nossas necessidades.

Não é, com certeza, pelos nossos lindos olhos. É que eles acreditam na presença de Deus no mundo, na presença de Deus na Ohra. **ABEL**

BENGUELA

Caros leitores, pela primeira vez que escrevo para o jornal «O Gaiato», é com grande alegria que o faço.

● *Américo e Olímpia* — Reina grande desejo de conhecer estes nossos irmãos que vêm trazer mais fogo do amor de Deus para estas terras de Africa que vem para esses rapazes que nunca conheceram um ninho tão abençoado como o das Casas do Gaiato, porque em nossas Casas nunca falta a presença do nosso mestre que é Deus.

● *Jardins* — Está-se em toda a hora a dar avisos para que tenham cuidado com os jardins, porque o Senhor Padre tem dito muitas vezes que é pelos jardins que se educam também os rapazes, mas é também para que a gente fique a ter amor aquilo que é nosso. A nossa entrada está muito linda e a avenida também vai ficar muito bonita.

● Benguela é muito bonita mas ainda mais lindo é o Vale do Cavaco com toda a sua verdura que

nos deixa como um amor forte. Há dias vinha de Benguela e o Senhor P.e dizia: «que lindo este vale e um dia vai ser muito mais bonito com a Casa do Gaiato».

● *Cinemas* — Graças aos Senhores Directores do Cine-Benguela e do Kalunga que, com a sua bondade, nos permitem a entrada nos cinemas aos domingos. No Cine-Benguela 20 rapazes, no Kalunga são 15. Em nome da rapaziada um muito obrigado aos Senhores Directores das duas salas.

● *Visitas* — Todos os domingos temos visitas, muitas ou poucas, são sempre visitas que querem visitar esta quinta bonita como ela é. No fim cá deixam a sua migalha para que a nossa Obra prossiga porque eles bem sabem que para esta Casa há-de entrar muita miséria que anda nas cidades de Benguela e Lobito. Sabemos disso porque quando não está o Senhor Padre Manuel, eles vêm ter comigo ou com a senhora da Casa para falar ao Senhor Padre daquele ou outro rapaz.

Por isso, leitores, estas Casas de Benguela e Malanje não-de viver das vossas migalhas pequenas que para nós são grandes. Desde já agradecemos.

● *Futebol* — Fomos jogar ao campo do Portugal de Benguela contra uma equipa da J.O.C. em que perdemos por 3-2 mas temos de fazer novo jogo porque queremos ver quem ganha. E por estar a falar em futebol, peço a todos os clubes aqui de Benguela ou da Metrópole que enviem umas camisolas que já não lhes façam falta, para o nosso grupo que bem precisa. Já temos algumas graças aos senhores J. Ferreira da Cota; Branco e Silva; e senhor Loureiro. Estes senhores são todos de Benguela e em nome do grupo da casa muito obrigado. Bem, são horas de terminar esta pequena crónica e envio muitos abraços destes africanos para os nossos leitores e rapazes das nossas Casas da Metrópole e que o Senhor abençoe todos os que leem este jornal. Adeus e até à próxima.

Herminio José Magalhães

BELEM

● *Cobras* — Cá na nossa quinta há muitos destes bichos e também lagartos, mas os senhores não tenham medo, porque eles até fogem de nós.

Num destes últimos domingos, quando a Conceição e a Madalena foram deitar de comer aos porcos, a menina Isaura viu uma cobra muito grande na loja dos porcos, e de tão aflição que ficou até lhe pareceu uma vibora.

A Madalena foi buscar o forçado para lho espetar e a Conceição, com o forçado na mão, pôs-se a gritar: «apontaria, apontaria, menina Isaura, apontaria». Quando ela olhou para trás, já a menina Isaura lá não estava, tinha ido a correr chamar a mãe Ofélia. Mas quando lá chegaram já a Conceição andava com a cobra espetada pela cabeça, no forçado. Parecia mesmo que já estava morta. Estenderam-na numa pedra, ao sol.

À tarde, quando a fomos procurar, já ela não estava.

Ninguém acreditou que ela tivesse saído de lá. Ora o que aconteceu? Como as cobras gostam muito de estar ao sol fez-lhe bem e melhorou. Quando, à tardinha, nós fomos às couves, vímo-la muito quieta, ao sol. Espetaram-lhe outra vez o forçado e andavam assim com ela, vou eu pego numa pedra e esmigalhei-lhe a cabeça.

Nisto chega a nossa Mãe, que tinha ido à missa da tarde e disse: «Vocês fizeram ver ao senhor Leandro, que andava há uns poucos de dias a ver se a matava, com a espingarda. A malandrona andava gordinha, porque ia comer às pias dos porcos. Ponham-na na loja da ferramenta, para ele ver amanhã, quando chegar. A não ser que ande lá pela mata e ainda por aí apareça hoje.

LURDES

MALANJE PAÇO DE SOUSA

A crónica de hoje será inteiramente preenchida com notícias de futebol.

● *Retribuindo a visita que lhe fizemos*, deslocou-se à nossa Aldeia o Godim da Régua para defrontar o nosso grupo. No primeiro encontro realizado no campo do adversário, fomos vencedores pela escassa margem de uma bola (2-1). No segundo, o resultado foi um pouco mais além, mostrando assim o real valor do nosso Grupo.

Informo os nossos leitores como decorreu o segundo desafio uma vez que ao primeiro não assisti porque foi fora...

Logo nos primeiros minutos, o Godim inaugurou o marcador por intermédio do seu avançado-centro. Com este golo de rajada, os homens de Godim começaram a jogar mais ao ataque, pondo em dificuldade por vezes a nossa bem organizada defesa. Mas decorridos poucos minutos, Oliveira após uma série de fintas primorosas estabeleceu a igualdade. O desafio começou a ser disputado com mais entusiasmo e ao intervalo não obstante o valor do adversário, vencíamos já por 3 bolas a 1.

Atendendo ao valor do Godim, os nossos rapazes tiveram de se empregar a fundo para que não fossem vencidos. Tal não sucedeu pois decorriam poucos minutos da segunda parte quando a nossa vantagem foi aumentada para 4-1. Marcaram-se ainda 2 bolas uma para cada lado. «Contra a força não há resistência»...

Resultado final: Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, 5 Godim, 2. O jogo foi técnica e disciplinarmente bem disputado por parte das duas equipas.

● Também fomos jogar a Fajoses (Vila do Conde), cujo resultado foi 1-1. Mas diga-se a verdade que se não fosse a deficiência do campo nós poderíamos sair vencedores. Mas o resultado aceita-se pela maneira como jogaram ambas as equipas.

● No mesmo dia jogaram os Júniores com uma equipa da mesma equivalência do Monte Cativo, para disputa de uma taça. Havia uma outra mais pequena que seria atribuída ao marcador do primeiro golo. Foi ganha pelo nosso avançado-centro Vivaldo que aos 17 minutos marcou o primeiro golo do encontro. Os nossos rapazes jogaram péssimamente mal não admira que o resultado não nos fosse favorável. 5-2 ganhou o adversário conquistando a taça em disputa.

Fausto Teixeira

Eis o grupo de futebol da nossa Casa de Paço de Sousa que tantos temem! Os vizinhos que o digam!...

Amigos leitores. Chegou a hora de muita alegria para mim por me encontrar aqui a trabalhar na construção da Casa do Gaiato de Malanje. É uma novidade que trará alegria a todos os assinantes de «O Gaiato» esta do princípio da construção das casas da nossa Aldeia de Malanje, que principiou no dia 2 de Agosto com a abertura dos alicerces. Esta é uma Obra de todos e para todos, e principalmente daqueles que não têm lar nem pão para comer, e que aqui não-de encontrar também a formação para viverem na sociedade. Esperamos pois, a generosidade de todos porque vão-se gastar aqui muitas centenas de contos, e só com a ajuda de todos é que poderemos continuar tal obra de bem fazer. Que haja corações abertos para que um dia tenham a felicidade de serem do número dos escolhidos e ouvirem as palavras de Jesus: «Vinde benditos do meu Pai, possuir o lugar no Reino do Céu que já há muito vos estava preparado, porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; tive frio e cobristes-Me».

Desde já agradecemos a generosidade de todos, quer da Metrópole, quer daqui do Ultramar, porque precisamos de todos: dos pequenos e dos remediados para colaborarmos todos e todos garantirmos a Vida Eterna.

Zé Violante

Calvário

● *Os nossos doentes* — Como nas Casas do Gaiato, também no Calvário há pequenos.

Sendo doentes não é por isso que eles perdem a graça da própria idade. Sendo desprezados e abandonados por todos, vêm aqui para o Calvário para nos alegrar e serem alvo de muito carinho por todos. Quem nos tem querido visitar tem sido testemunha do que digo. Então o nosso Zézito de quem o Senhor Padre Baptista tem falado e tem sido para ele o menino dos seus encantos! Estou a lembrar-me das vezes que tenho observado quando às refeições lhe agarra para lhe dar de comer. É um espectáculo digno de ser copiado por muita gente. E temos mais...

● *Mais uma Luz* — Cada doente que parte daqui, chamado por Deus, é uma lição que fica para meditação. E tantos têm sido!... E o Sr. Joaquim pode ser incluído neste número.

Tendo quase paralizado devido a uma delicada operação que não deve ter corrido como seria para desejar. E sendo um dos muitos doentes que só o Calvário não engeita, veio para cá. Pelo menos sei não para melhorar fisicamente, para não ser despresado, abandonado.

Depois de muito ter sofrido, porque além de paralisia tinha um cancro com suas complicações, Deus chamou-o, é mais uma luz para nós.

Manuel Simões

